

## A sobreposição de fatores na análise da variação pronominal *nós/a gente*

### Overlapping factors in the analysis of the pronominal variation *nós/a gente*

Lucelene Teresinha Franceschini<sup>1</sup>  
 Loremi Loregian-Penkal<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo pretendemos analisar, a partir de resultados estatísticos obtidos mediante diferentes rodadas no programa VARBRUL, a sobreposição de fatores da análise conjunta das variáveis *saliência fônica*, *tonicidade* e *tempo verbal* no estudo da variação *nós/a gente*. A amostra utilizada é constituída de 24 entrevistas de 40/45 minutos cada, realizadas entre 2007 e 2010 em Concórdia – SC, e estratificadas de acordo com *sexo*, duas *faixas etárias* (menos de 45 anos e de 50 anos ou mais) e três níveis de *escolaridade* (fundamental I, fundamental II e ensino médio). Adotando o suporte teórico da Sociolinguística Variacionista pretendemos, então, discutir aspectos metodológicos relacionados à sobreposição de fatores de variáveis independentes que são habitualmente consideradas na análise da variação pronominal *nós/a gente* na posição de sujeito. Os dados foram obtidos por meio da análise de um *corpus* com 1553 ocorrências dos pronomes pesquisados: 770 de *nós* e 783 de *a gente*. Os resultados mostraram que a análise conjunta das variáveis *saliência fônica*, *tonicidade* e *tempo verbal* altera significativamente os resultados, tanto em relação aos grupos de fatores selecionados, quanto em relação ao peso relativo atribuído às variáveis analisadas.

**Palavras-chave:** Variação *nós/ a gente*; Variáveis independentes; Sobreposição de fatores.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyzed, from statistic results obtained after different rounds of the VARBRUL program, the overlapping factors in a joint analysis of the variables *phonic projection*, *tonicity* and *verb tense* in the study of the variation *nós/a gente*. The sample consisted of 24 interviews lasting 40-45 minutes each, made between 2007-2010 in Concordia – SC, and stratified according to *gender*, two *age ranges* (under 45 years and 50 years and over) and three levels of *education* (elementary school I, elementary school II and high school). By adopting the theoretical support of the Variation Linguistics we therefore sought to discuss methodological aspects related to overlapping factors of independent variables that are usually taken into account in the analysis of the pronominal variation *nós/a gente* in the subject position. Data were obtained through analysis of a *corpus* with 1553 occurrences of the surveyed pronouns: 770 of *nós* and 783 of *a gente*. Results showed that a joint analysis of the variables *phonic projection*, *tonicity* and *verb tense* significantly changes results, both with regard to the groups of selected factors and to the relative weight assigned to the analyzed variables.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda em Linguística (PNPD/CAPES) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR. E-mail: lucelef@bol.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Linguística com pós-doutorado na área. Professora associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR. E-mail: llpenkal@irati.unicentro.br

**Keywords:** Variation nós/a gente; Independent variables; Overlapping factors.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a sobreposição de fatores das variáveis saliência fônica, tonicidade e tempo verbal no estudo da variação *nós/a gente*, assim como demonstrar que tal sobreposição de fatores pode alterar significativamente os resultados da análise empreendida.

Nos estudos variacionistas do português do Brasil, a saliência fônica foi inicialmente utilizada na análise da concordância verbal e nominal. Os estudos dessa regra variável evidenciaram que o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural aumentava as chances de concordância verbal ou nominal (SCHERRE; NARO, 2010), ou seja, aumentava as chances da variante explícita de plural.

Além de ser empregada para o estudo da concordância verbal, a saliência fônica também foi utilizada por vários autores na análise da variação pronominal e, em especial, da variação *nós/a gente*. Em seus estudos sobre essa variação, Omena (1998) verificou que a maior diferença entre as formas verbais de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, favorecia o uso de *nós*, e a menor, o uso de *a gente*. Lopes (1998) e Borges (2004), dentre outros, também assumem que a variação *nós/a gente* é condicionada, em grande parte, pela saliência fônica.

Em relação à tonicidade, algumas pesquisas apontaram essa variável como uma das mais significativas na análise da alternância pronominal *nós/a gente*. Os estudos realizados por Borges (2004) e Tamanine (2010) ilustram esse resultado, e suas análises mostram uma divisão polarizada no uso dos pronomes, com os verbos oxítonos e monossílabos tônicos favorecendo largamente o uso de *a gente*, enquanto os paroxítonos favorecem o pronome *nós*.

No entanto, na análise da variação pronominal *nós/a gente* realizada por AUTOR1 (2011), conforme veremos a seguir, constatamos que a análise conjunta das variáveis saliência fônica, tonicidade e tempo verbal altera significativamente os resultados, tanto em relação aos grupos de fatores selecionados, quanto em relação ao peso relativo atribuído às variáveis.

## SALIÊNCIA FÔNICA: ALGUNS ESTUDOS

A fim de melhor avaliar a importância da saliência fônica e do tempo/modo na análise da concordância verbal, Scherre e Naro (2010) analisaram detalhadamente dados de 64 informantes do Rio de Janeiro da amostra PEUL (Programa de Estudos da Língua) da década de 80. Os autores consideraram, inicialmente, o grau de diferenciação entre a forma singular e a forma plural do verbo como a base para a *hierarquia da saliência fônica*. Essa *hierarquia*, conforme Naro (1981, *apud* SCHERRE; NARO, 2010, p. 71-72), apresenta dois níveis principais, sendo cada um deles dividido em três outros níveis, de acordo com o aumento da diferenciação fônica na oposição singular/plural, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Hierarquia da *saliência fônica* conforme Naro (1981)

Nível 1 - <i>oposição foneticamente menos marcada ou menos saliente</i>	
1.a	Apenas nasalização da vogal na forma plural: <i>come/comem</i>
1.b	Nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal: <i>ganha/ganham</i>
1.c	Acréscimo de segmentos vocálicos: <i>faz/fazem</i>
Nível 2 - <i>oposição foneticamente mais marcada ou mais saliente</i>	
2.a	Ditongação com mudança na qualidade da vogal: <i>dá/dão</i>
2.b	Acréscimo de segmentos consonânticos sem mudanças vocálicas no radical: <i>comeu/comeram</i>
2.c	Acréscimo de segmentos consonânticos com mudanças em pontos diversos: no radical, na desinência ou na forma toda: <i>ganhou/ganharam; fez/fizeram; é/são</i>

Fonte: Scherre e Naro (2010, p.71-72)

No entanto, embora a distribuição da *saliência* seja baseada estritamente em critérios fonéticos, os autores ressaltaram que há uma forte sobreposição dos fatores da saliência fônica e tempo/modo verbal. Na amostra do PEUL - Rio de Janeiro, Scherre e Naro (2010) verificaram, dentre outras coisas, que as formas do pretérito perfeito se concentravam no nível mais alto da hierarquia (2a, 2b e 2c), e que quase a metade dos dados do presente do indicativo no nível mais alto de saliência (2a e 2c) era constituída de um único item lexical – *é/são*.

Omena (1998), em seus estudos sobre a variação pronominal *nós/a gente*, verificou que a maior diferença entre as formas verbais de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, favorecia o uso de *nós*, e a menor, o uso de *a gente*. Portanto, para a autora, o grau de

diferença entre as formas verbais de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, ou seja, a *saliência fônica*, também é um fator que condiciona a ocorrência de *nós* ou *a gente*.

Em sua análise da amostra Censo – RJ, Omena (1998) testou sete diferentes níveis de *saliência fônica* das formas verbais:

1) a mesma forma para ambas as pessoas

Ex: *cantando*;

2) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência –*mos*

Ex: *falava/ falávamos*;

3) infinitivo com acréscimo da forma –*mos*

Ex: *cantar/ cantarmos*

4) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência –*mos*

Ex: *fala/ falamos*;

5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência –*mos*

Ex: *cantou/ cantamos*;

6) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos

Ex: *faz/ fazemos*;

7) diferenças fonológicas acentuadas

Ex: *veio/ viemos, é/ somos*.

(OMENA, 1998, p. 199-200)

A autora constatou em seus resultados um favorecimento para a forma *a gente* nos níveis de menor *saliência*, ou seja, nos níveis em que há menos diferença entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, tanto para os adultos como para as crianças (nível 2: .68 e .87; nível 3: .65 e .82 e nível 4: .58 e .61, respectivamente); já os níveis 5, 6 e 7, de maior *saliência*, favoreceram o pronome *nós* (.54, .62 e .74, entre os adultos, e .84, .71 e .82, entre as crianças, respectivamente), confirmando, assim, suas expectativas, pois, segundo a autora: “supõe-se que o falante use mais a forma *nós* (com flexão verbal –*mos*) como sujeito com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e 1.<sup>a</sup> do plural” (OMENA, 1998, p.199). No nível 1, com as formas do gerúndio, o uso de *a gente* como sujeito foi categórico.

Lopes (1998), em dados do português falado culto do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador (NURC – final da década de 70), também analisou a influência da *saliência fônica* na variação pronominal *nós* e *a gente*. Baseando-se em Lemle & Naro (1977), a autora assim define o princípio da *saliência fônica*:

(...) diz-se que entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção,

há uma tendência a neutralizar-se a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. (LOPES, 1998, p.8)

A autora adotou em sua análise uma escala gradual crescente de saliência, com cinco diferentes níveis de diferenciação fônica. Diferentemente de Omena (1998), Lopes (1998) não considerou o gerúndio e o infinitivo (níveis 1 e 3, respectivamente) como níveis de saliência.

Os resultados de sua análise, assim como os de Omena, mostraram que nos níveis de menor saliência (nível 1: falava/ falávamos; nível 2: fala/ falamos), houve um favorecimento para o uso da forma *a gente* (.62 e .63, respectivamente), enquanto nos níveis 3, 4 e 5 houve um favorecimento para a forma *nós*, no nível 3 de .65 e nos níveis 4 e 5 amalgamados de .77. Dessa maneira Lopes (1998) comprova em seus dados o *princípio da saliência*, pois verifica que quanto maior a diferença entre as formas do singular e plural, maior a probabilidade de manutenção de apenas uma das formas, no caso o pronome *nós*.

Borges (2004), assim como Omena (1998) e Lopes (1998), obtém resultados significativos para a saliência fônica em sua análise da variação *nós/a gente* em diferentes variedades linguísticas do Rio Grande do Sul. Baseando-se em estudos anteriores sobre a análise da saliência fônica, o autor propõe a seguinte escala de saliência:

- 1) a mesma forma para ambas as pessoas: *cantando*;
  - 2) infinitivo com acréscimo da forma *-mos* : *cantar/ cantarmos*
  - 3) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência *-mos*: *falava/falávamos*;
  - 4) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência *-mos*: *fala/ falamos*;
  - 5) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: *está/ estamos, tem/ temos*;
  - 6) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência *-mos*: *cantou/ cantamos*;
  - 7) diferenças fonológicas acentuadas: *veio/ viemos, é/ somos*.
- (BORGES, 2004, p.139)

Nota-se que Borges adotou os mesmos níveis de saliência estabelecidos por Omena (1998); no entanto, propôs algumas modificações na ordem dos fatores: os níveis 3 (*infinitivo com acréscimo de -mos*) e 6 (*monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos*) da escala apresentada por Omena, foram classificados como níveis 2 e 5, respectivamente, na escala proposta por Borges.

Na análise de seus dados, Borges verificou, assim como Omena (1998) e Lopes (1998), que o pronome *a gente* é mais favorecido nos níveis em que há uma menor

diferenciação de material fônico na relação singular/plural. Os resultados obtidos para *a gente* nos falares de Jaguarão e Pelotas nos níveis menos salientes foram: nível 1 (.58 e .62); nível 2 (.76 e .74); nível 3 (.54 e .59) e nível 4 (.76 e .70, respectivamente). De forma oposta, nos níveis 5, 6 e 7, nos quais as diferenças fônicas entre as formas verbais são maiores, o autor encontrou os menores pesos relativos, tanto em Jaguarão, como em Pelotas: nível 5 (.16 e .33); nível 6 (.33 e .30) e nível 7 (.26 e .19). Esses resultados mostraram que os níveis de menor saliência favorecem o uso do pronome inovador *a gente*, o que corrobora os resultados das pesquisas citadas anteriormente.

### A SALIÊNCIA FÔNICA NOS DADOS DE CONCÓRDIA, SC

Pode-se observar que nos estudos sobre a variação *nós/ a gente* em que se analisou a saliência fônica, esta sempre foi selecionada como estatisticamente significativa, daí a importância de também considerarmos esta variável independente em nossa análise.

Partindo do pressuposto de que a escala de saliência, ou seja, a classificação utilizada para caracterizar os diferentes níveis dessa variável, baseia-se na maior ou menor oposição entre a forma verbal no singular e no plural dos diferentes níveis, analisamos as formas verbais realizadas pelos falantes de nossa amostra, a fim de estabelecermos os níveis de saliência pertinentes à nossa análise. Adotamos, inicialmente, a mesma escala de saliência proposta por Borges (2004), por considerá-la mais adequada para a análise de nossos dados.

A primeira observação em relação à saliência fônica em nossos dados se refere à distribuição dos pronomes *nós/a gente* nos diferentes níveis de saliência (1 a 7), os quais apresentam situações bem distintas: no nível 1 (gerúndio), temos apenas 3 ocorrências, 2 de *a gente* e 1 de *nós*; no nível 2 (infinitivo), temos sempre a mesma forma verbal, não-marcada, independentemente do pronome utilizado; e no nível 3 (imperfeito), há um predomínio da forma verbal não-marcada com ambos os pronomes. Vejamos abaixo exemplos, retirados da amostra de Concórdia – SC, do nível 2 de saliência (infinitivo):

(1) Nossa mãe, que sofrimento *nós falá!* (FG1k)<sup>3</sup>

(2) É muito difícil *a gente ficá* sozinho assim, é sempre meio junto, em família.  
(FS2i)

---

<sup>3</sup> As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: *sexo* (M – Masculino e F – Feminino); *escolaridade* (P – Fundamental I, G – Fundamental II, S – Ensino Médio); *faixa etária*: (1 – 26 a 45 anos e 2 – 50 anos ou mais). As letras *a* – *z* identificam o informante.

(3) Aqui em Camboriú é mais perto pra *nós í*, daí nós vamo mais. (MG2b)

(4) Eles convidaram pra *gente í* lá. (FS2u)

Verificamos que, em nossos dados, o nível 2 de saliência (tempo infinitivo) não apresenta oposição verbal entre P3 e P4, caracterizando-se pelo uso da mesma forma, não-marcada, seja com *a gente* ou *nós*, conforme já dito acima. De fato, vários estudos (OMENA, 1998; ZILLES, 2006) sobre *nós/a gente* mostraram que o uso do infinitivo flexionado na língua falada é extremamente raro. A tendência na língua falada seria, portanto, a de se evitar o uso da forma flexionada.

Em relação aos verbos do nível 3 de saliência (imperfeito), a grande maioria dos falantes de nossa amostra usa a mesma forma verbal, independente do pronome escolhido, conforme exemplos (5) e (6). Somente em alguns casos (falantes com ensino médio) a desinência verbal de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural foi utilizada, conforme mostra o exemplo (7):

(5) *A gente ia e voltava* no mesmo dia. (FP1j)

(6) *Nós só ia* lá passia, *ficava* quinze, vinte dias, nas férias... (FG1k)

(7) Hoje, por exemplo, *nós estaríamos* os dois aposentado, com um salário aí...de uns três, quatro mil cada um. (MS2c)

Já nos níveis 4, 5, 6 e 7, de maior saliência, a escolha do pronome *nós* ou *a gente* pelos falantes de nossa amostra vai *sempre* condicionar o uso de formas verbais diferentes, sendo a forma marcada (*mos/mo*) selecionada por *nós* e a não-marcada por *a gente*, conforme mostram os exemplos abaixo:

• Nível 4

(8) *A gente fecha*, avisa os cliente, né? *Nós fechamo*. (FS2u)

• Nível 5

(9) *Nós temos* com a Embrapa, com a Polícia Civil, e deve tê mais uma empresa grande aí que *a gente tem*. (MS1r)

• Nível 6

(10) Até *nós fomo* foi em agosto *a gente foi* pra lá. Agora... a semana que vem *a gente vai lá*. O namorado da minha filha vai se formá, daí *nós vamo* também lá. (FP2s)

• Nível 7

(11) Ma tu viu como *a gente é* miscigenado, né? (MS1f)

(12) Daí no caso *nós somo* em seis homem e uma mulher. (MG2n)

Esses exemplos de verbos nos níveis de maior saliência mostram usos que são comuns a todos os falantes da amostra. No exemplo (8), a entrevistada, ao explicar como fazem com o mercado da família quando tiram férias, usa *a gente fecha* no início e, em seguida, *nós fechamo*. Da mesma forma o falante do exemplo (9), quando cita os convênios da clínica de acupuntura onde trabalha, usa inicialmente *nós temos* e, em seguida, *a gente tem*. No exemplo (10), a entrevistada fala de suas viagens com o marido para Porto Alegre, onde moram suas filhas, começa com *nós fomos* e logo passa para *a gente foi*, em seguida usa *a gente vai* e termina com *nós vamos*. No exemplo (11) observamos o uso de *a gente é*, quando o informante fala do povo brasileiro em geral, e no (12), o de *nós somos* quando a entrevistada fala de seus irmãos. Nota-se que a alternância pronominal em todos os exemplos citados acima (níveis 4, 5, 6 e 7 de saliência), seja pelo mesmo falante (exemplos 8 a 10), seja por falantes diferentes (11 e 12), leva, necessariamente, a uma mudança nas formas verbais utilizadas.

Verificou-se, então, na amostra analisada, a seguinte distribuição dos pronomes *nós/a gente* pelos diferentes níveis de saliência:

1. Pronomes *nós/a gente* usados com a mesma forma verbal: *nível 1 (gerúndio)*, *nível 2 (infinitivo)* e na maioria dos casos do *nível 3 (imperfeito do indicativo)*;

1. *falando*

2. *falar*

3. *falava (falava/falávamos)*

2. Pronomes *nós/a gente* usados com formas verbais diferentes: *nível 4, 5, 6 e 7*:

4. *fala/falamos*

5. *está/estamos*

6. *vai/vamos*

7. *é/somos*

Como já destacado, a escala de saliência fônica de Borges (2004) foi tomada como referência para a análise dessa variável independente em nossos dados. No entanto, o fato de termos apenas três ocorrências de pronomes *nós/a gente* no nível 1 da escala proposta por Borges, levou-nos a retirar esse nível da análise. Assim, o nível 2 proposto por Borges (infinitivo), que não apresentou nenhum caso de flexão verbal nos dados de Concórdia, foi considerado como nível 1 em nossa análise. A escala de saliência que utilizamos para a análise dos dados foi constituída, portanto, de 6 níveis:

1) a mesma forma para ambas as pessoas: infinitivo;

- 2) conservação da sílaba tônica e acréscimo (ou não) da desinência –*mos*: *falava/ falávamos*;
- 3) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência –*mos*: *fala/ falamos*;
- 4) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: *está/ estamos, tem/ temos*;
- 5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência –*mos*: *vai/ vamos, falou/ falamos*;
- 6) diferenças fonológicas acentuadas: *veio/ viemos, é/ somos*.

## AS VARIÁVEIS TONICIDADE E SALIÊNCIA FÔNICA

Os resultados da primeira rodada dos pronomes *nós/a gente* nos dados de Concórdia, SC, nos mostram os seguintes grupos de fatores selecionados:

Quadro 2 - Resultado da rodada com dados de *nós/a gente* – aplicação: *a gente*

1.ª Rodada Geral - grupos selecionados
1. tonicidade, 2. saliência fônica, 3. determinação do referente, 4. faixa etária, 5. tipo de texto, 6. tipo de discurso, e 7. tipo de verbo.

Pode-se observar, no quadro 2, que a tonicidade e a saliência fônica foram as variáveis linguísticas selecionadas como as mais significativas, em primeira e segunda posição, respectivamente; já o tempo verbal não foi selecionado nesta rodada. Em relação às variáveis sociais, a faixa etária foi a única variável selecionada, sendo que aparece em quarta posição; já as variáveis escolaridade e sexo não se mostraram significativas nessa primeira rodada.

Apresentamos, na tabela 1, os resultados quantitativos relativos às variáveis tonicidade e saliência fônica:

Tabela 1 – Resultados de *nós/a gente* na posição de sujeito (*a gente*: .59)

Grupos de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./ N	%	P. R.	Aplic./N	%	P. R.
<b>1. Tonicidade</b>						
– monossílabo tônico	3/282	1	.00	279/282	99	1.00
– oxítono	8/101	8	.00	93/101	92	1.00
– paroxítono	739/1.150	64	.92	411/1150	36	.08

<b>2. Saliência fônica</b>						
3. deslocamento do acento	114/381	30	.06	267/381	70	.94
2. acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica	106/244	43	.08	138/244	57	.92
6. diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4	83/114	73	.49	31/114	27	.51
5. redução dos ditongos finais em vogais + -mos	340/515	66	.86	175/515	34	.14
4. monos. tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos	115/261	44	.88	146/261	56	.12
1. infinitivo (+ -mos)	11/35	31	1.00	24/35	69	.00
Total	770/1.553	50*		783/1.553	50	

\*O programa considerou a percentagem de 50% para cada uma das variantes, embora a percentagem exata seria 49,6% para *nós* e 50,4% para *a gente*.

No que se refere à tonicidade, variável selecionada pelo programa como a mais significativa estatisticamente, os resultados apresentaram-se um tanto polarizados, pois, de um lado, com os verbos monossílabos tônicos e oxítonos, tivemos um uso categórico de *a gente* (1.0) e, de outro, com os paroxítonos, o pronome *nós* foi favorecido, com um peso relativo de .92. Esse resultado, portanto, só reitera a distribuição dos dados na língua; já que as formas verbais monossílabas e oxítonas são mais prováveis de acontecer com *a gente*. Os verbos proparoxítonos foram desconsiderados na análise, pois, nesse caso, o uso de *nós* foi categórico (20 ocorrências).

Em relação à saliência fônica, selecionada pelo programa estatístico como a segunda variável mais significativa, pode-se observar, entre outras coisas, uma diferença significativa entre as percentagens e os pesos relativos em determinados níveis de saliência, como, por exemplo, no nível 1 (infinitivo), que apresentou 69% de uso de *a gente* e 31% de *nós*, mas um peso relativo de 0.0 para *a gente* e de 1.0 para *nós*. Também o nível 6, dentre outros, apresenta uma grande discrepância entre o resultado em percentagens e o peso relativo.

Os resultados em peso relativo da variável saliência fônica apontam os níveis 2 e 3, de menor saliência, favorecendo *a gente* e os níveis 4 e 5 favorecendo *nós*, conforme o previsto. Já no nível 6, de maior saliência, obtivemos um resultado próximo do ponto neutro (*a gente* .51 e *nós* .49), e no nível 1, o menos saliente, verificou-se, ao contrário do esperado, um resultado categórico para o *nós*, com uma grande diferença entre o resultado percentual (31%) e o peso relativo (1.0), o que muito possivelmente aponta para uma sobreposição de fatores.

Analisando as etapas do programa estatístico, constatou-se que o peso relativo para *a gente* na primeira etapa (ou nível)<sup>4</sup> de iteração do programa foi de .68 e .27 para os níveis 1 e 6 de saliência, respectivamente. Já na segunda etapa, em que o programa realizou a iteração da saliência fônica com a tonicidade, os pesos para *a gente* nos níveis 1 e 6 de saliência passaram para .00 e .68, respectivamente. Nota-se, então, que o enviesamento nos pesos relativos ocorre justamente quando o programa realiza a iteração das variáveis independentes saliência fônica e tonicidade, ou seja, no nível 2 da análise. Para melhor compreendermos a distribuição dos pronomes *nós/a gente* pelos diferentes fatores dessas variáveis, efetuamos o cruzamento da tonicidade com a saliência fônica.

Esse cruzamento mostrou que, efetivamente, as ocorrências de *nós* com verbos oxítonos e monossílabos restringem-se aos 11 casos de infinitivo não flexionado, todos os demais verbos oxítonos e monossílabos (372) ocorrem com o pronome *a gente*. Portanto, 97% dos verbos oxítonos e monossílabos ocorrem com o pronome *a gente*, e somente 3% com o pronome *nós*, o que não parece justificar a análise da tonicidade como variável pertinente em nossos dados. Acreditamos, então, que a tonicidade, apesar de ser estatisticamente selecionada em primeira posição pelo programa, não deva ser considerada em nossos dados como um fator condicionante da variação *nós/a gente*, pois os verbos oxítonos e monossílabos tônicos, em sua grande maioria, ocorrem com o pronome *a gente*, constatação reforçada pelo peso relativo categórico atribuído a esse pronome nesses contextos. Assim, a partir da análise desses resultados, pode-se dizer que, embora a tonicidade tenha sido selecionada pelo programa como a variável *estatisticamente* mais significativa, essa variável não se mostra *linguisticamente* significativa na análise de nossos dados.

Apesar dessa constatação, para melhor analisarmos a questão da sobreposição de fatores, efetuamos várias rodadas excluindo alternadamente a saliência fônica, a tonicidade e o tempo verbal. Ainda em relação à saliência fônica e à tonicidade, constatou-se nas diversas rodadas do programa que a retirada de uma ou outra dessas variáveis alterou significativamente o *input* atribuído ao pronome *a gente*, conforme apresentamos abaixo:

- a) rodada com a *saliência fônica* e a *tonicidade*: *input* de .59 para *a gente*;
- b) rodada sem a *saliência* e com a *tonicidade*: *input* de .72 para *a gente*;
- c) rodada com a *saliência* e sem a *tonicidade*: *input* de .52 para *a gente*.

---

<sup>4</sup> O nível 1 da rodada contrastou cada variável independente com a variável dependente; no nível 2, ocorreu a iteração entre a *saliência fônica* e a *tonicidade*.

Percebe-se que o *input* de .59 para *a gente* na rodada com a saliência e a tonicidade, eleva-se para .72 na rodada sem a variável saliência fônica, o que parece indicar que essa variável opera no *nós* (cf. Menon, notas de comunicação oral); quando retiramos a saliência fônica da análise, o *input* para o pronome *nós* baixa, passa de .41 para .28, e *a gente* passa de .59 para .72. Por outro lado, a tonicidade parece atuar fortemente em sentido contrário, pois quando essa variável é retirada da análise, o *input* para *a gente* diminui significativamente: passa de .72 para .52. Pode-se observar, a partir dos resultados obtidos nessas diferentes rodadas, que a saliência fônica e a tonicidade alteram significativamente os resultados estatísticos, mas atuando em sentido contrário: a saliência fônica operando no *nós*, e a tonicidade no *a gente*. Isso nos mostra que o *input*, ou a *média global* atribuída às variantes em análise, pode alterar-se, dependendo das variáveis independentes consideradas na análise.

Após a constatação de que a tonicidade não se mostra uma variável pertinente para a análise dos dados, efetuamos uma nova rodada, sem essa variável. A fim de compararmos os resultados da primeira (com a tonicidade) e segunda rodada (sem a tonicidade), apresentamos os grupos de fatores selecionados nas duas rodadas:

Quadro 3 - Rodadas para testar a interferência da *tonicidade*

<i>1.ª Rodada - com todas as variáveis</i>	<i>2.ª Rodada - sem a tonicidade</i>
1. tonicidade	1. saliência fônica
2. saliência fônica	2. determinação do referente
3. determinação do referente	3. tipo de discurso
4. faixa etária	4. tipo de verbo
5. tipo de texto	5. tempo verbal
6. tipo de discurso	6. escolaridade
7. tipo de verbo	7. tipo de texto
	8. faixa etária
	9. tipo de ocorrência

Nota-se, no quadro 3, ao compararmos a 1.ª rodada (com a tonicidade) com a 2.ª rodada (sem a tonicidade), várias mudanças em relação à classificação dos grupos de fatores selecionados. A saliência fônica passa a ser selecionada como a primeira variável estatisticamente significativa, seguida da determinação do referente. Além de mudanças na ordem de seleção das variáveis, temos nesta rodada também a inclusão do tempo verbal, em 5.ª posição; da escolaridade, em 6.ª; e do tipo de ocorrência, selecionado em última posição. Os diferentes resultados obtidos nessas duas rodadas, tanto em relação à ordem de seleção

dos grupos de fatores, quanto em relação aos grupos selecionados pelo programa, comprovam que a inclusão da tonicidade altera significativamente os resultados da análise.

Destaca-se que na comparação dessas duas rodadas verificamos várias modificações, não só na ordem de seleção das variáveis, como também em relação ao próprio peso relativo atribuído aos fatores. Em relação à saliência fônica, variável selecionada como a mais significativa, constatamos várias alterações nos pesos relativos atribuídos aos diferentes níveis de saliência. Os resultados da saliência fônica nas rodadas com e sem a tonicidade podem ser observados na tabela 2:

Tabela 2: Resultados para a *saliência fônica* em rodadas com e sem a *tonicidade (a gente)*

<i>Grupo de fatores</i> <i>Saliência Fônica</i>	<i>Saliência fônica e</i> <i>tonicidade</i>	<i>Saliência fônica sem</i> <i>tonicidade</i>
1. infinitivo	.00	.59
2. acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica	.92	.63
3. deslocamento do acentoônico	.94	.61
4. monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos	.12	.52
5. redução dos ditongos finais em vogais + <i>-mos</i>	.14	.38
6. diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4	.51	.33

Na tabela acima, pode-se observar uma mudança acentuada nos pesos atribuídos ao pronome *a gente* nos diferentes níveis de saliência: o nível 1 (*infinitivo*), com .00 de peso relativo, sem a tonicidade passa a .59; o nível 4 passa de .12 para .52; o nível 5 passa de .14 para .38; já nos outros níveis, os pesos relativos diminuem bastante: no nível 6, passa de .51 para .33; e nos níveis 2 e 3, passam de .92 e .94 para .63 e .61, respectivamente.

Esses resultados parecem comprovar que a análise conjunta da saliência fônica e da tonicidade em nossos dados não seria viável, pois a alteração causada, tanto nos fatores selecionados, quanto nos pesos relativos, não pode ser negligenciada. Pode-se observar também que sem a tonicidade os níveis *de saliência* aproximam-se do esperado, ou seja, os níveis de menor saliência (1, 2 e 3), favorecendo o uso de *a gente* e os de maior saliência (5 e 6), favorecendo o uso de *nós*.

## AS VARIÁVEIS SALIÊNCIA FÔNICA E TEMPO VERBAL

Antes de passarmos à análise dos fatores selecionados como mais significativos na variação *nós/a gente*, realizamos ainda várias rodadas para verificarmos se havia, em nossa

amostra, sobreposição de fatores entre outras variáveis selecionadas pelo programa. Como a análise preliminar da saliência fônica já havia mostrado que os níveis 1 e 2 de saliência correspondem aos tempos infinitivo e pretérito imperfeito, respectivamente, procuramos analisar mais detalhadamente os resultados dessas duas variáveis. Efetuamos, inicialmente, um cruzamento entre as variáveis saliência fônica e tempo verbal.

Os resultados desse cruzamento mostraram que o pretérito perfeito restringe-se aos níveis de maior saliência (5 e 6); os verbos no presente se distribuem entre os níveis 3, 4, 5 e 6; enquanto o infinitivo e o pretérito imperfeito ocorrem somente nos níveis 1 e 2, respectivamente, os menos salientes. Isso parece confirmar uma sobreposição de fatores, pois o nível 1 de saliência corresponde ao tempo infinitivo, e o nível 2, ao pretérito imperfeito, ou seja, existem fatores de diferentes grupos, a saliência fônica e o tempo verbal, testando a mesma coisa.

Assim, depois de detectada essa sobreposição de fatores, várias rodadas alternativas foram realizadas. Destacamos os resultados daquelas que consideramos as mais significativas para a análise dos dados.

Inicialmente, efetuamos uma rodada sem a saliência fônica para verificarmos se haveria alteração nos grupos selecionados e nos pesos atribuídos aos diferentes fatores, em especial, da variável tempo verbal. No quadro 4, apresentamos os grupos de fatores selecionados na 2.<sup>a</sup> rodada, com a saliência, e aqueles selecionados em rodada sem a saliência fônica.

Quadro 4 – Grupos de fatores selecionados em rodadas com e sem a *saliência fônica*

2. <sup>a</sup> Rodada - com a <i>saliência fônica</i> <i>significância: .040</i>	3. <sup>a</sup> Rodada - sem a <i>saliência fônica</i> <i>significância: .031</i>
1. saliência fônica 2. determinação do referente 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tempo verbal 6. escolaridade 7. tipo de texto 8. faixa etária 9. tipo de ocorrência	1. determinação do referente 2. tempo verbal 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tipo de texto 6. faixa etária 7. escolaridade 8. tipo de ocorrência

Observamos que os mesmos grupos de fatores são selecionados pelo programa em ambas as rodadas, com algumas alterações na ordem de seleção. O que se destaca aqui é o tempo verbal, variável que com a retirada da saliência fônica, passa da 5.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> posição,

umentando sua significância nessa rodada. A fim de melhor entendermos essa mudança, apresentamos na tabela 3 os resultados do tempo verbal nas duas rodadas, com e sem a saliência fônica:

Tabela 3– Resultados do *tempo verbal* em rodadas com e sem a *saliência* (aplicação: *a gente*)

Grupo de fatores	Rodada <i>com a saliência</i>		Rodada <i>sem a saliência</i>	
	%	P.R.	%	P.R.
Tempo verbal				
- infinitivo	69	.57	69	.67
- presente	57	.57	57	.58
- pret. imperfeito	55	.43	55	.56
- pret. perfeito	27	.37	27	.26

Pode-se constatar, a partir desses resultados, que os pesos relativos nos diferentes tempos verbais, com exceção do presente, alteram-se significativamente quando a saliência fônica não é considerada na rodada. O peso para *a gente* aumenta no infinitivo, de .57 para .67, e no pretérito imperfeito, de .43 para .56; já no pretérito perfeito o peso de *a gente* diminui, de .37 para .26. Observa-se que o presente é o único tempo verbal que não sofre alteração no resultado em rodada *com* e *sem a saliência*, o que provavelmente está relacionado à distribuição equitativa dos dados desse tempo nos diferentes níveis de saliência, pois, como já observamos, temos verbos do presente nos níveis 3, 4, 5 e 6 de saliência. Já os outros tempos restringem-se a um só nível (infinitivo – nível 1, pretérito imperfeito – nível 2) ou dois (pretérito perfeito – níveis 5 e 6). Verificamos, assim, uma distribuição não ortogonal dos dados pelos níveis de saliência e tempo, e este fato parece estar relacionado às alterações nos pesos atribuídos aos pronomes *nós/a gente* nos diferentes tempos verbais.

Considerando, então, essa sobreposição de fatores, realizamos ainda rodadas sem a saliência fônica e sem o tempo verbal para compararmos as variáveis selecionadas, assim como a significância, em cada uma das rodadas. Os resultados das rodadas sem o tempo verbal e sem a saliência fônica estão no quadro 5:

Quadro 5 – Resultado de rodadas *sem o tempo verbal* e *sem a saliência fônica*

Rodada <i>sem tempo verbal</i>	Rodada <i>sem saliência fônica</i>
- aplicação: <i>a gente</i> - input: .52 - significância: .040	- aplicação: <i>a gente</i> - input: .52 - significância: .031
1. saliência fônica 2. determinação do referente	1. determinação do referente 2. tempo verbal

3. tipo de discurso	3. tipo de discurso
4. tipo de verbo	4. tipo de verbo
5. escolaridade	5. tipo de texto
6. tipo de texto	6. faixa etária
7. faixa etária	7. escolaridade
8. tipo de ocorrência	8. tipo de ocorrência

Nota-se que ambas as rodadas selecionaram as mesmas variáveis, com algumas alterações na ordem de seleção: na rodada sem o tempo verbal, a saliência fônica foi selecionada em 1.<sup>a</sup> posição; já na rodada sem a saliência fônica, a determinação do referente foi a 1.<sup>a</sup> variável selecionada, seguida do tempo verbal. Já a escolaridade, selecionada em 5.<sup>a</sup> posição na rodada sem a saliência, passa para a 7.<sup>a</sup> posição, após o tipo de texto e a faixa etária, na rodada sem o tempo verbal.

Em relação à significância, verifica-se que a rodada sem a saliência fônica e com o tempo verbal apresenta uma menor margem de erro (.031)<sup>5</sup>; já sem o tempo verbal e com a saliência fônica, a margem de erro é maior (.040). Isso indica que a exclusão da saliência fônica na rodada resulta numa melhor significância para a análise da variação *nós/a gente*.

Assim, considerando a sobreposição de fatores da tonicidade, saliência fônica e tempo verbal e a melhor significância (ou menor margem de erro) atribuída à rodada somente com o tempo verbal, optamos pela manutenção dessa variável em nossa análise, em detrimento da tonicidade e da saliência fônica. Desse modo, após a análise das várias rodadas estatísticas realizadas no VARBRUL, consideramos que os grupos selecionados na análise da variação pronominal *nós/a gente* em Concórdia, foram, por ordem de significância: determinação do referente, tempo verbal, tipo de discurso, tipo de verbo, tipo de texto, faixa etária, escolaridade e tipo de ocorrência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados de Concórdia - SC mostrou-nos a inviabilidade de considerarmos conjuntamente a saliência fônica, a tonicidade e o tempo verbal na análise da variação pronominal *nós/a gente*.

A partir das várias rodadas efetuadas no programa VARBRUL, e do cruzamento de dados das variáveis saliência fônica, tonicidade e tempo verbal, verificamos que existem

<sup>5</sup> Quanto menor a significância, menor a margem de erro.

fatores de diferentes grupos testando os mesmos dados, ou seja, a análise conjunta destas variáveis provoca uma sobreposição de fatores, alterando significativamente os resultados. Essa alteração causada, tanto nos grupos de fatores selecionados, quanto nos pesos relativos, não pode ser negligenciada. Além disso, constatamos também que o *input*, ou a *média global* atribuída às variantes em análise, pode alterar-se, dependendo das variáveis independentes consideradas na análise.

Assim, a partir deste estudo, constatamos a necessidade de uma análise detalhada dos resultados fornecidos pelo programa estatístico, pois, conforme apontado, a sobreposição de fatores pode alterar significativamente os resultados da análise.

## REFERÊNCIAS

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 227p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

AUTOR 1. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC*. 253p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LOPES, C. R. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. São Paulo: *DELTA*, vol. 14, 1998.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998. p.185-215.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. M. (org.) *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 71-78.

TAMANINE, A. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba*. 222p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ZILLES, A. M.; BATISTA, H. A concordância de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p. 99-124.

Data de recebimento: 28/11/2014

Data de aprovação: 17/12/2014